



Pues sí, laicismo



Las iglesias llaman «laicismo» a cualquier aspecto de la laicidad que no les conviene o que la hace un poco más institucionalmente efectiva

FERNANDO SAVATER

De todas las broncas políticas que padecemos hoy en España – y también, cada cual a su modo, en otros países europeos – ninguna resulta más inquietante que la disputa sobre el laicismo de la sociedad democrática. Es un debate que preocupa porque no gira en torno a una cuestión secundaria, acerca de la cual caben diversas posiciones ideológicas igualmente válidas, sino sobre una de las paredes maestras de nuestro sistema de libertades. Un punto fundamental pero que todo parece indicar que irá adquiriendo aún mayor importancia en nuestro futuro pluralista y heterogéneo. Por decirlo de entrada y de una vez: las democracias modernas han de ser laicas no para complacer a sus gobernantes menos piadosos sino para cumplir su función esencial, es decir, la defensa e ilustración de la libertad de conciencia y de elección entre los ciudadanos. Los individuos particulares pueden ser religiosos de mil y una maneras, escépticos, ateos o perpetuos indecisos, asombrados por lo misterioso del cosmos: pero el Estado de derecho ha de tratarles a todos de igual modo, es decir, ha de respetarles y considerarles exclusivamente en cuanto laicos. No parece difícil de entender... ¡pero hay que ver la de tonterías que oímos mañana y tarde al respecto!

Para empezar, dos falsedades: primera, la que opone la laicidad (hoy ya aceptable a regañadientes por los clérigos menos integristas de cualquier credo) y el laicismo (agresivo, intransigente y enemigo de toda trascendencia espiritual). Sencillamente, es un espantajo. En realidad, las iglesias llaman “laicismo” a cualquier aspecto de la laicidad que no les conviene o que la hace un poco más institucionalmente efectiva. Según esta

<http://www.bastaya.org/>
25-12-2006

grotesca nomenclatura, el “laicismo” es la laicidad en marcha y la “laicidad”, el laicismo claudicante o en retroceso. Segunda falsedad, insistir en que constitucionalmente España es un país “aconfesional” y no “laico”, como si lo uno significara que el Estado debe fomentar todas las religiones y lo otro que piensa hostilizarlas a todas. Sandez sobre sandez. El laicismo no persigue a los creyentes (esas persecuciones siempre se hacen por motivos religiosos, incluido un ateísmo elevado a dogma inquisitorial) sino que da campo abierto a todas las creencias por igual, pero en la conciencia de cada cual. Naturalmente no reprime que esa conciencia se manifieste de modo público, pero exige que sea a título privado y no con respaldo gubernamental. Y entre las creencias que ampara esa libertad religiosa está la de quienes opinan críticamente sobre los dogmas religiosos y sus imposiciones morales o pseudocientíficas. Los que hablan de religión para decir “no” son tan respetables a todos los efectos *religiosos* como quienes dicen “sí”. Voltaire, Freud o Nietzsche son pensadores religiosos, tal como Santo Tomás o Pascal.

Por centrarnos en la iglesia que más de cerca hemos padecido hasta ahora, la católica, no deja de ser algo cínico que tras su comportamiento durante las dictaduras de Franco, Pinochet, Videla, etc... (por no remontarnos al nazismo) sostenga hoy que el respetuoso laicismo democrático – que sólo la “persigue” en el sentido de que no la favorece y subvenciona...o así debería hacer – es la antesala del totalitarismo que pisotea los derechos humanos. ¡Lo que faltaba, la mujer de Putifar metida a consejera matrimonial! Y lo mismo puede decirse de los sermones eclesiales sobre cuestiones nacionalistas. Hemos padecido durante décadas – en el País Vasco o en Cataluña – a clérigos entusiastas de los separatismos más obtusos. Y ahora aparecen obispos que quieren convertir la españolidad en dogma de fe. Algunos laicistas que creemos en la necesaria cohesión del Estado de Derecho les pedimos que, por favor, no pretendan defender a golpe de homilía la unidad de España: en su boca suena a engañabobos, como todo lo demás.

Laicismo, pois sim

as igrejas chamam “laicismo” a qualquer aspecto da laicidade que não lhes convenha ou que a torne institucionalmente um pouco mais efectiva

De todas as querelas políticas que suportamos hoje em Espanha – e também, cada qual a seu modo, noutros países europeus – nenhuma é mais inquietante que a discussão sobre o laicismo da sociedade democrática. É um debate que preocupa porque não gira em torno de uma questão secundária, acerca da qual cabem diversas posições ideológicas igualmente válidas, mas sim sobre uma das paredes-mestras do nosso sistema de liberdades. Um ponto fundamental e que tudo parece indicar que irá adquirir uma importância crescente no nosso futuro pluralista e heterogéneo. Para ficar dito logo de entrada e de uma só vez: as democracias modernas têm de ser laicas não para agradar aos seus governantes menos piedosos mas sim para cumprir a sua função essencial, ou seja, a defesa e concretização da liberdade de consciência e de escolha dos cidadãos. Os indivíduos particulares podem ser religiosos de mil e uma maneiras, cépticos, ateus ou perpétuos indecisos, espantados pelo misterioso do cosmos; contudo o Estado de direito deve tratá-los a todos de igual modo, ou seja, tem de respeitá-los e considerá-los exclusivamente enquanto laicos. Isto não parece difícil de entender... contudo veja-se a quantidade de disparates que se ouvem de manhã à tarde a esse respeito.

Para começar, duas falsidades: primeira, a que opõe a laicidade (hoje já alegremente aceitável pelos clérigos menos integristas de qualquer credo) e o laicismo (agressivo, intransigente e inimigo de toda a transcendência espiritual). Simplesmente, é um espantalho. Na realidade as igrejas chamam “laicismo” a qualquer aspecto da laicidade que não lhes convenha ou que a torne institucionalmente um pouco mais efectiva. Segundo esta grotesca nomenclatura, o “laicismo” é a laicidade em crescendo e a “laicidade” o laicismo claudicante ou em retrocesso. Segunda falsidade, insistir em que a Espanha¹ seja constitucionalmente um país “aconfessional” e não laico,

¹ Ou qualquer outro país democrático moderno, Portugal inclusive. (nota do tradutor)

*<http://www.bastaya.org/>
25-12-2006*

como se um [termo] significasse que o Estado deve fomentar todas as religiões e o outro que tenciona hostilizá-las a todas. Uma tolíce a seguir a outra. O laicismo não persegue os crentes (essas perseguições sempre se fizeram por motivos religiosos, incluindo os do ateísmo arvorado em dogma inquisitorial), antes concede campo aberto a todas as crenças por igual, mas na consciência de cada um. Naturalmente não reprime que essa consciência se manifeste de modo público, mas exige que o faça a título privado e não com amparo governamental. Entre as crenças que estão acauteladas nessa liberdade religiosa está [também] a daqueles que opinam criticamente sobre os dogmas religiosos e as suas imposições morais ou pseudo-científicas. Aqueles que falam de religião para dizer “não” são tão respeitáveis para todos os efeitos *religiosos* quanto aqueles que dizem “sim”. Voltaire, Freud, Nietzsche são pensadores religiosos, tal como São Tomás ou Pascal.

Para nos centrarmos sobre a igreja de que mais de perto temos sentido até agora os efeitos, a católica, não deixa de ser um tanto cínico que, depois do comportamento que teve durante as ditaduras de Franco, Pinochet, Videla, etc... (para não irmos até ao nazismo), ela sustente hoje que o respeitoso laicismo democrático – que só a “persegue” no sentido em que a não favorece nem subsidia... ou que assim deveria fazer – é a antecâmara do totalitarismo que esmaga os direitos humanos. Era mesmo só o que faltava, a mulher de Putifar armada em conselheira matrimonial ! E o mesmo se pode dizer dos sermões eclesiásticos sobre questões nacionalistas. Assistimos durante décadas – no País Basco ou na Catalunha – a clérigos entusiastas dos separatismos mais obtusos e agora aparecem bispos que querem converter a «espanholidade» em dogma de fé. Enquanto laicistas que acreditam na necessária coesão do Estado de Direito pedimos-lhes que, por favor, não pretendam defender a golpes de homilia a unidade da Espanha: na sua boca isso soa a mais uma charlatanice.

[Tradução: R&L/LMM]